

"Só Deus pode me tirar da vida política enquanto eu estiver neste mundo."

Paulo Maluf, ex-prefeito de São Paulo, ontem, contestando as denúncias de seu envolvimento com lavagem de dinheiro e negando ter contas em paraíso fiscal.

# Dívidas, desigualdades e diálogos: o papel das metas



MARCELO  
CÔRTEZ  
NERI

A origem de Lula é o movimento sindical, o âmago do conflito capital-trabalho. O seu maior desafio é transmitir calma ao sistema, o que não é tarefa trivial no contexto de crescente globalização e instabilidade financeiras, dado o nível de endividamento interno e externo brasileiro. Em contraste, o trânsito de Fernando Henrique Cardoso na comunidade internacional salta aos olhos. Como bom intelectual, a sua dificuldade está em transmitir suas idéias e práticas ao povão. Aquele segmento menos atento a déficits e dívidas financeiras e mais preocupado com o resgate de sua respectiva parcela na dívida social. Falta, em ambos os casos, enriquecer o diálogo travado com o conjunto de atores que compõe a cena brasileira. A máxima do saudoso Chacrinha:

"quem não se comunica, se trumbica" está cada vez mais atual.

A indefinição sobre as estratégias econômicas do PT constitui uma das principais fontes de incerteza atuantes sobre a economia brasileira. Impactos hoje comparáveis àqueles associados ao racionamento e a crise argentina e cuja importância tende a crescer com a aproximação do pleito de 2002. Uma das percepções mais lúcidas sobre estratégias de um futuro governo do PT foi a de Cristovão Buarque ao propor que se o PT ganhasse as eleições presidenciais de 1998, a equipe econômica comandada por Pedro Malan deveria ser mantida no cargo.

Uma contrapartida mais factível desta proposição para o próximo pleito, seria o anúncio da manutenção de compromissos fiscais e inflacionários firmados pelo governo FHC. Mercados financeiros operam de maneira precária sob incerteza. Os agentes privados reagem negativamente quando compromissos são descumpridos. Metas são dispositivos que, quando cumpridos, transmitem confiança aos mercados. As sugestões para o PT são: i) tomar emprestado a credibilidade conquistada

pelo governo FHC na proposição de metas macroeconômicas; ii) não desprezar a valiosa reputação construída no campo social por líderes petistas como Eduardo Suplicy e Cristovão Buarque.

Mercados são reconhecidos pela capacidade de proporcionar eficiência econômica e pela incapacidade de lidar autonomamente com questões relativas à obtenção de uma distribuição de renda mais razoável. Metas sociais constituem uma tentativa de introduzir um viés em prol da equidade no funcionamento normal de economias de mercado. A idéia é o governo se comprometer com a trajetória de longo prazo de indicadores de educação, saúde e suficiência de renda. Da mesma forma que o Banco Central o faz com objetivos macroeconômicos. O objetivo global é promover o diálogo e a eficiência social. A sociedade brasileira carece de um norte. A mão usada na campanha de Fernando Henrique deveria apontar para uma direção, metas que falem ao cidadão comum.

Agora, qual seria a interação entre metas sociais e a performance macroeconômica? A moderna literatura de crescimento econômico enfatiza cada vez mais a im-

portância de se investir nas pessoas. Portanto aqui não residem conflitos. Mas qual seria o impacto da introdução de compromissos sociais sobre os fluxos internacionais de capital para o Brasil? A princípio poderia se esperar uma redução desses fluxos, pois as metas sociais introduzem objetivos concorrentes às metas inflacionárias e fiscais que os financistas estran-

**Capital é como sabonete molhado, se apertar escapa das mãos, para depois ter de pegá-lo em condições adversas**

geiros tanto prezam. Um ótimo restrito não pode superar um ótimo global avaliado desde a função objetivo do investidor que é o retorno privado. Por outro lado, na visão deles é melhor ter uma política social agressiva com norte conhecido do que uma baseada em surpresas e casuísmos.

Podemos ainda esperar uma mudança na composição dos fluxos de capital dos recursos financeiros de curto prazo

que procura se beneficiar de altas taxas de juros em direção a investimento direto estrangeiro. Poucos indicadores são mais relevantes para o desempenho a longo prazo dos negócios transnacionais modernos do que o nível de educação do país anfitrião. Não só pelo impacto exercido sobre a qualidade da força de trabalho, como pelo potencial do mercado consumidor doméstico. Complementarmente, os níveis de instabilidade política e de violência em sociedades que investem na melhora das condições de vida do conjunto de suas populações é menor. Esse conjunto de variáveis são positivamente correlacionadas com a atratividade do capital estrangeiro de boa qualidade, aquele que se torna efetivamente sócio dos sucessos e fracassos do país. Metas sociais podem, no âmbito dos fluxos de capitais, ajudar a separar o joio do trigo.

Marcelo Côrtes Neri, Ph.D. em economia por Princeton, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, escreve quinzenalmente às terças-feiras.  
E-mail: mcneri@fgv.br